

Sumário

Artigos e Comentários

11 Da escassez absoluta à relativa: riqueza, crescimento e desigualdade

André Lara Resende

A partir da leitura do de Thomas Piketty, *Le Capital au XXI Siècle*, o autor escreve um ensaio sobre a questão da desigualdade na sociedade contemporânea, e chega à conclusão de que a tese do francês é indiscutível: a concentração de riqueza no mundo caiu em meados do século XX, mas voltou a crescer nas últimas três décadas. Passamos da era da escassez absoluta para a da escassez relativa. Para compreender e enfrentar os desafios desta nova realidade, o primeiro passo é rever o arcabouço conceitual e a métrica desenvolvidos para outros tempos e outra realidade.

25 O caso do algodão

Pedro de Camargo Neto

No dia primeiro de outubro de 2014, por meio da assinatura de um memorando de entendimento, Brasil e EUA puseram fim a uma disputa que se estendeu por 13 anos relativa a subsídios para a produção de algodão. O autor, que participou de perto como ator importante pelo lado brasileiro, rememora os momentos principais do embate, e conclui que ele terminou em vitória para o Brasil, pode ser considerado como um êxito, embora subsídios, distorções e desvantagens permaneçam.

35 Argentina diante da ascensão do Brasil: percepções e estratégias

Roberto Russel

Juan Gabriel Tokatlian

A ascensão do Brasil no cenário internacional ao longo das últimas décadas, que coincidiu com o declínio da Argentina sob a mesma perspectiva, atraiu especial interesse entre estudiosos argentinos, dois dos quais fazem neste ensaio uma tentativa de explicação sobre como as elites econômicas e políticas daquele país vêm tentando lidar com essa dinâmica e sobre as dificuldades decorrentes dessa situação para construir um projeto estratégico em comum.

49 A expansão econômica brasileira na América do Sul: uma perspectiva política

Carlos da Fonseca

O autor avalia a expansão empresarial brasileira na América do Sul nos últimos anos e suas implicações político-diplomáticas no período de 2002 a 2012. O artigo procura avaliar se estão dadas as condições para que a expansão capitalista brasileira na região contribua para a realização dos enunciados da política externa do período analisado, ou se, pelo contrário, a prevalência de uma lógica de interdependência assimétrica, em benefício da

maior economia regional, pode comprometer a realização desses objetivos e, em última análise, enfraquecer o discurso integracionista brasileiro.

- 71 A diplomacia do saber e a construção de parcerias sinérgicas**
Edmundo S. Fujita

A ciência e a tecnologia têm tornado o globo cada vez mais interdependente e ao mesmo tempo crescentemente excludente. O autor toma essa constatação como pano de fundo para seu ensaio, no qual contextualiza considerações sobre um dos papéis críticos que cabe à diplomacia brasileira desempenhar nas questões referentes ao desenvolvimento e ao conhecimento científico-tecnológico na atualidade. Dentro desse contexto, tem cabido à diplomacia brasileira buscar identificar, apreender e atrair as novas realidades e tendências em curso nos diversos centros de excelência científico-tecnológica, com vistas a canalizar suas virtualidades para nossas necessidades nacionais e contribuir para fortalecer nosso processo de desenvolvimento em bases aceleradas e sustentáveis.

- 83 BRICS e as mudanças climáticas**
José Goldemberg
Eduardo Viola

Os autores avaliam a trajetória de emissões dos BRICS desde 1990, no seu conjunto e para cada país individualmente e comparam o Fórum dos BRICS com os outros quatro grandes blocos objetivos no ciclo global do carbono: União Europeia, EUA/Canadá, Japão/Coreia do Sul e Indonésia. O artigo mostra mudanças radicais na distribuição de emissões dentro dos blocos e entre eles: queda em números absolutos e na proporção do total por parte da União Europeia, Rússia e Brasil, aumento em números absolutos com queda na proporção do total dos EUA, Canadá, Japão, Coreia do Sul e África do Sul; e, extraordinário aumento em números absolutos e na proporção do total por parte de China, Índia e Indonésia. Por fim, os autores avaliam as perspectivas de posicionamento do bloco nas negociações multilaterais e plurilaterais para descarbonizar a economia mundial.

- 89 Do compromisso moral à obrigação jurídica na ordem internacional**
Henrique Lian

O autor questiona se o conjunto de princípios, declarações, resoluções e diretrizes que versam sobre desenvolvimento sustentável seria apenas um amontoado de boas intenções, sem possibilidade de vincular legalmente as nações e blocos de nações que os emitiram. No ensaio, argumenta o contrário, seja baseado nas obrigações morais e políticas assumidas pelos atores, seja com base na metamorfose dos atos internacionais inicialmente configurados como de natureza não legalmente vinculante (*soft law*) em atos vinculantes, especialmente por meio de sua incorporação/transformação em tratados e convenções, em costumes ou em princípios gerais de direito, para bem esgotar o elenco das fontes primárias oferecido pelo artigo 38 do Estatuto da Corte Internacional de Justiça (1946).

- 99 A modernização da aduana brasileira e a Convenção de Quioto Revisada**
Cristiano Morini
Paulo Costacurta de Sá Porto

O processo de globalização, e sua consequente diminuição de barreiras e facilidade de comunicação, proporcionou aos países a possibilidade de expandirem suas fronteiras econômicas. Este novo horizonte trouxe um acelerado desenvolvimento econômico para indústrias e empresas além de seus mercados internos. Considerando este contexto, constituiu-se, então, um novo paradigma, de interdependência

**113 Políticas de inovação,
cruzando caminhos:
os casos de Brasil e China**

Anna Jaguaribe

entre as nações. Maior ou menor interação internacional, via comércio, é uma decisão política do Estado. Os autores concluem que a adesão do Brasil à CQR (Convenção de Quioto Revisada) é um fator catalisador de mudanças para que o Brasil adote as melhores práticas em consonância com os instrumentos legais internacionalmente aceitos contribuindo para integração do Brasil em cadeias de valor global.

O artigo discute o papel da inovação na busca de valor agregado no contexto de uma economia mundial com crescimento baixo. A autora analisa o papel do Estado e das parcerias público-privadas na promoção da inovação e descreve os desafios que Brasil e China enfrentam ao tentarem transformar políticas de ciência e tecnologia em políticas de inovação. Conclui que a economia verde ou a economia do natural são para a China e Brasil uma encruzilhada comum partindo de posições distintas: oportunidade e vantagem comparativa para o Brasil e necessidade e empenho tecnológico para a China.

**123 Construindo um novo modelo
de relações entre grandes
potências e a concorrência entre
China e EUA na Ásia-Pacífico**

Suisheng Zhao

O autor discute a relação entre China e EUA desde a posse do presidente Xi Jinping, em 2013, quando Beijing adotou um novo modelo para essa relação, cuja premissa central é que a ascensão da China não seja acompanhada por conflito e guerra, tal como ocorreu em muitos momentos da história quando potências ascendentes esbararam na potência titular. O artigo afirma que o governo Obama respondeu positivamente ao apelo do presidente Xi, pois reflete os esforços de longa data dos EUA para integrar uma China em ascensão ao sistema internacional estabelecido. E conclui que não há contradição intrínseca entre apoiar uma China em ascensão e promover os interesses dos Estados Unidos. Uma China próspera faz bem para os Estados Unidos e a prosperidade dos Estados Unidos faz bem para a China.

**153 Ideias de política e
política das ideias**

Benoni Belli
Filipe Nasser

Os autores mostram como *think tanks* têm sido parte indispensável do processo de decisão de políticas públicas em relações internacionais nos EUA, e como o Brasil tem sido assunto pouco presente nas preocupações dessas organizações, apesar de sua importância e de sua ascensão recente no cenário internacional. O artigo sugere algumas possíveis atitudes de governo, empresas, entidades acadêmicas e *think tanks* brasileiros para alterar essa realidade.

**173 A sociedade, o Estado e a
política externa: em busca
da sintonia**

Haroldo Ramanzini Júnior
Rogério de Souza Farias

Nos últimos anos, tem sido crescente o debate sobre como introduzir maior atuação da sociedade na política externa brasileira. Mas o que e como isso deve ser feito? Os autores desenvolveram uma agenda de pesquisa sobre o assunto, particularmente no tema comercial. No artigo, refletem sobre uma via politicamente viável e realista que traduza maior participação dos atores sociais em influência na definição da política externa brasileira. Concluem que o maior desafio para o Itamaraty é não arrogar-se do papel privilegiado de intérprete do interesse nacional, escondendo nessa crença a possibilidade de descartar seletivamente as vozes das ruas.

183 A Primeira Guerra Mundial vista por um jornalista brasileiro

Jorge Caldeira

Por ocasião do centenário da Primeira Guerra Mundial, o autor relê os textos produzidos pelo jornalista brasileiro Júlio Mesquita para o jornal de sua propriedade, *O Estado de S. Paulo* à época. O impressionante acervo de informações publicadas um século atrás foram recentemente compiladas em livro. As análises de Mesquita, embora feitas à distância, tinham o privilégio de diferenciar-se da maioria do que se publicava no restante do mundo porque no Brasil, ator com menos interesses vitais no conflito, era possível ter acesso a informações sem censura, das quais Mesquita se valia. O autor conclui que raríssimos textos produzidos depois por historiadores, com possibilidades muito maiores de construção do material, chegaram a um resultado desta qualidade.

Comentário**191 A construção de uma nova doutrina de política externa: o sucesso do engajamento entre Estados Unidos e Irã conseguiria estabilizar o Oriente Médio?**Hussein Kalout
Christopher Sage

Os autores tecem considerações sobre como um entendimento diplomático entre EUA e Irã, que vem sendo perseguido pelos atuais governos dos dois países, poderia ter um impacto sobre a geopolítica do Oriente Médio comparável ao que a aliança entre os EUA e a Arábia Saudita e o surgimento do Hezbollah tiveram na década de 1970, após a revolução iraniana.

Passagens

197 Oscar Lorenzo Fernandez (1924-2014), o diplomata e intelectual ecléticoHelio Jaguaribe
Roberto Jaguaribe**Livros**

199 *World Order*Henry Kissinger
Luis Fernando Ayerbe**204 *O amigo americano:******Nelson Rockefeller e o Brasil***
Antonio Pedro Tota
Matthew Shirts**206 *Brazil's Dance with the Devil. The World Cup, the Olympics, and the Fight for Democracy****Dave Zirin
Fabrício H. Chagas Bastos

Documentos

211 Desafios da política externa

Roberto Teixeira da Costa

217 Um aprofundamento sem limites
na cooperação entre Japão e
América Latina-Caribe

Shinzo Abe

225 Pronunciamento sobre a
República Árabe da Síria

Paulo Sérgio Pinheiro

229 Relatório da Comissão Internacional
Independente de Inquérito sobre a
República Árabe da Síria

Carta dos editores

Fazia muito tempo que um livro sobre temas econômicos não causava tanta repercussão mundial quanto *O capital no século XXI*, de Thomas Piketty, originalmente editado em francês em 2013, e em seguida em inglês, este ano, e em diversas outras línguas, inclusive o português.

Naturalmente, o Conselho Editorial da *Revista* achou pertinente pedir a alguém uma resenha e, por sugestão do conselheiro Fernando Henrique Cardoso foi feita uma consulta a André Lara Resende, um dos mais conceituados economistas do país, ex-presidente do BNDES, que aceitou a empreitada com tanto entusiasmo que o produto final, mais do que uma resenha, é um ensaio alentado sobre riqueza, crescimento e desigualdade, que abre esta edição.

Outro assunto que provocou celeuma durante anos, e bastante atual, é o embate entre Brasil e EUA sobre os subsídios ao algodão naquele país, que consumiu 13 anos de contencioso, na OMC e em negociações bilaterais, que chegou ao fim em primeiro de outubro deste ano. Um ator que teve papel central em muitos momentos desses embates, tanto no exercício de funções públicas quanto em cargos de comando de associações do setor privado, Pedro de Camargo Neto, escreveu um artigo para a *Revista* em que rememora seus fatos cruciais e os avalia.

Seguem-se dois artigos sobre a inserção do Brasil na América do Sul. O primeiro, de dois importantes acadêmicos argentinos, discute como as elites econômica e política daquele país têm reagido à ascensão brasileira no cenário internacional, acentuada neste século XXI, que é concomitante com o declínio da Argentina. No segundo, o diplomata Carlos da Fonseca avalia a expansão empresarial brasileira na América do Sul nos últimos anos e suas implicações político-diplomáticas no período de 2002 a 2012.

Depois, temos o artigo do atual embaixador do Brasil em Seul, Edmundo Fujita, sobre a “diplomacia do saber”, em que ele trata dos papéis críticos que cabe à diplomacia brasileira desempenhar nas questões referentes ao desenvolvimento e ao conhecimento científico-tecnológico na atualidade.

Este artigo deveria ter sido publicado na edição passada da *Revista*, quando, por um erro do editor, acabou por ser editado outro artigo do embaixador Fujita, que já havia saído alguns anos antes nestas páginas. Por isso, desculpamo-nos com o autor e com os leitores, com a esperança de que esse tipo de equívoco não volte a ocorrer.

A relação entre diplomacia e ciência está também no cerne do artigo seguinte, sobre BRICS e mudanças climáticas, de autoria de José Goldemberg, um dos físicos mais respeitados no mundo neste assunto, e Eduardo Viola, professor de Relações Internacionais de grande prestígio.

Henrique Lian, doutor em Filosofia pela USP, mestre em História pela Unicamp e bacharel em Direito, além de atual diretor de Comunicação e Relações Institucionais do Instituto Ethos, escreveu para a *Revista* sobre a obrigação jurídica de declarações, resoluções e diretrizes relativas ao desenvolvimento sustentável que vêm sendo adotadas em conferências. E os professores de Economia Cristiano Morini e Paulo Costacurta de Sá Porto, em outro texto especialmente preparado para a *Revista*, tratam de como a

adesão do Brasil à CQR (Convenção de Quioto Revisada) é um fator catalisador de mudanças para que o Brasil adote as melhores práticas em consonância com os instrumentos legais internacionalmente aceitos.

A professora Anna Jaguaribe analisa no artigo que se segue o papel do Estado e das parcerias público-privadas na promoção da inovação e descreve os desafios que Brasil e China enfrentam ao tentarem transformar políticas de ciência e tecnologia em políticas de inovação.

A China, que por motivos óbvios, tem estado mais e mais presente na pauta da *Revista* nos últimos anos, é o tema do artigo do professor chinês Suisheng Zhao, especificamente no que se refere à relação de seu país com os EUA a partir das novas diretrizes de política externa definidas após a posse do presidente Xi Jinping em 2013. O autor, que esteve no Brasil a convite do iFHC, também preparou o texto especialmente para a *Revista*.

O papel dos *think tanks* no processo de decisão de políticas públicas em relações internacionais nos EUA, e como o Brasil tem sido assunto pouco presente nas preocupações dessas organizações, apesar de sua importância e de sua ascensão recente no cenário interacional, são o assunto do texto dos diplomatas Benoni Belli e Filipe Nasser que vem a seguir nesta edição.

As relações entre Estado e sociedade civil na definição das políticas públicas de relações internacionais do Brasil são o tema do artigo de Haroldo Ramanzini Júnior, professor da Universidade Federal de Uberlândia, e Rogério de Souza Farias, do Centro de Estudos sobre América Latina da Universidade de Chicago, o penúltimo deste número.

O jornalista Jorge Caldeira fecha os artigos desta edição com uma releitura do livro que reuniu todos os textos que Júlio Mesquita publicou em *O Estado de S. Paulo* sobre a Primeira Guerra Mundial, enquanto ela ocorria, há cem anos. A ele, segue-se um comentário do brasileiro Hussein Kalout, que é pesquisador no Weatherhead Center for International Affairs da Universidade Harvard, e Christopher Sage, coronel da Força Aérea Americana que serviu no Oriente Médio e no Afeganistão sobre as possíveis consequências para a geopolítica do Oriente Médio de um eventual entendimento entre EUA e Irã.

A seção “Passagens” traz um texto escrito a quatro mãos por Helio Jaguaribe, fundador e conselheiro da *Revista*, e seu filho, Roberto Jaguaribe, atual embaixador do Brasil em Londres, sobre o diplomata brasileiro Oscar Lorenzo Fernandes, que morreu aos 90 anos este ano.

Na seção “Livros”, três são examinados: *World Order*, de Henry Kissinger, pelo professor da UNESP e membro do Conselho Editorial Luis Fernando Ayerbe; *O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil*, de Antonio Pedro Tota, pelo jornalista americano radicado no Brasil Matthew Shirts; e *Brazil's Dance with the Devil. The World Cup, the Olympics, and the Fight for Democracy*, do jornalista americano Dave Zirin, pelo pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (NUPRI/USP) Fabrício H. Chagas Bastos.

Finalmente, na seção “Documentos”, um texto que o conselheiro da *Revista* Roberto Teixeira da Costa apresentou em reunião do Conselho Diretor do Conselho Empresarial da América Latina sobre os desafios da política externa; o discurso do premiê japonês Shinzo Abe feito em São Paulo sobre a sua política para a América Latina e o Caribe,

o pronunciamento sobre a Síria feito à ONU pelo brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro, presidente da Comissão Internacional Independente de Inquérito sobre a República Árabe da Síria, e o relatório dessa comissão.

** Quando esta edição já estava sendo encaminhada para a gráfica, recebemos a muito triste notícia da morte de nosso conselheiro Luciano Martins, que desde a primeira hora foi ativo colaborador de *Política Externa* e dedicado amigo de seu fundador, Fernando Gasparian. O presidente do Conselho Editorial, Celso Lafer, lembrando o período em que ele e Gilberto Dupas foram coeditores da *Revista*, ressaltou o quão assídua foi a colaboração de Luciano Martins na discussão da pauta de cada número e no encaminhamento de convites a autores. Na nossa próxima edição, a seção “Passagens” trará um texto que procurará dar conta da dimensão intelectual do sociólogo e cientista político, que alargou as dimensões do seu campo no país.

Os editores

